

CRENÇAS DE DUAS ALUNAS-PROFESORAS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA EM ESCOLA PÚBLICA

TWO STUDENT-TEACHERS' BELIEFS ABOUT TEACHING ENGLISH AS A FOREIGN LANGUAGE IN PUBLIC SCHOOLS

Josiane da Silva Soares¹
Raquel Cristina Mendes de Carvalho²
Marcia Regina Pawlas Carazzai³

RESUMO: O presente trabalho teve o objetivo de analisar as crenças de duas alunas-professoras (APs), de um curso de licenciatura em Letras-Inglês, sobre o ensino de inglês como Língua Estrangeira (LE) em escola pública. Com o intuito de investigar as possíveis mudanças nas crenças dessas APs ocorridas no período entre o início das aulas de Estágio Supervisionado e a prática em sala de aula, foi feita a análise interpretativa de materiais produzidos por elas no ano de 2006. Com base na análise desses materiais, foi aplicado um questionário aberto e realizada uma entrevista no ano de 2007. A triangulação desses dados resultou na produção dos significados, dos quais a base teórica se fundamenta em autores como Barcelos (2001) e Borg (2003). Após a análise dos dados foi possível perceber que algumas das crenças das APs sobre o ensino de inglês na escola pública modificaram após o início da prática em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: crenças, ensino, alunas-professoras.

ABSTRACT: The present work aimed at analysing two student-teachers' (ST) beliefs in an undergraduate course in Letras-Inglês about the teaching of English as a foreign language (EFL) in public schools. With the objective of investigating the possible changes in the ST's beliefs occurred between the beginning of Practicum and the teaching practice period, an interpretative analysis, of materials produced by the participants in 2006, was developed. Based on this analysis, an open questionnaire and an interview were carried out in 2007. Data triangulation resulted in the production of meaning, in the light of the works of authors such as Barcelos (2001) and Borg (2003). Results indicate that some of the ST's beliefs about EFL teaching in public schools changed after the beginning of the teaching practice.

¹ Licenciada em Letras-Inglês pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus de Guarapuava. Professora da rede municipal de ensino de Guarapuava (PR). Contato: josidss@yahoo.com.br.

² Mestre em Letras-Inglês e Literaturas correspondentes (UNICENTRO/UFSC). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus de Guarapuava. Contato: rcmcarvalho@pop.com.br.

³ Mestre em Letras-Inglês e Literaturas correspondentes (UFSC). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus de Guarapuava. Contato: mcarazzai@gmail.com.

KEYWORDS: beliefs, teaching, student-teachers.

Introdução

Alguns professores com anos de experiência têm reclamado das dificuldades enfrentadas neste contexto: salas superlotadas, falta de material didático, falta de interesse do aluno, falta de recursos e outros fatores que causam a desmotivação do professor (PERIN, 2005). Esses fatores ligados às crenças de que em escolas públicas não se aprende inglês e que o aluno de escola pública não consegue acompanhar conteúdos mais elevados devido ao contexto em que ele vive (BASSO, 2006), trazem para a disciplina e para o profissional da área de ensino de Língua Estrangeira (doravante LE) certa desvalorização.

Com base nessas dificuldades e crenças relacionadas ao ensino de inglês-LE em escolas públicas, buscou-se analisar as possíveis mudanças nas crenças de duas Alunas-Professoras (doravante APs) do último ano de um curso de licenciatura em Letras-Inglês sobre o ensino de inglês-LE em escola pública. Como objetivos específicos, procurou-se investigar as crenças das APs a respeito de como deve ser o ensino do inglês-LE na escola pública, se há ou não a possibilidade de manter as próprias crenças, ou se esse contexto exige mudanças por parte das professoras. A investigação de tais mudanças de crenças ocorreu a partir de dados coletados no período entre o início das aulas de Estágio Supervisionado e a prática em sala de aula das APs, nos anos de 2006 e 2007.

A opção pela pesquisa em escola pública vem da necessidade de um reconhecimento das dificuldades encontradas pelos recém formados em se adaptar e colaborar para o crescimento das referidas instituições. Segundo Barcelos (2006) há atualmente diversos trabalhos sobre crenças tanto de alunos quanto de professores da escola pública que apresentam resultados relevantes. Ademais, a autora sugere que “esse é um caminho que deve continuar sendo percorrido” (BARCELOS, 2006, p. 24).

Este artigo apresenta inicialmente pressupostos teóricos a cerca de crenças sobre ensino e aprendizagem de LE, com o suporte de autores como Borg (2003) e Barcelos (2000, 2001). Na seqüência, descreve-se o contexto e as participantes da pesquisa, bem como a metodologia adotada

para a coleta e análise dos dados. Para encerrar, discute-se os resultados encontrados e apresenta-se as considerações finais do artigo.

Pressupostos Teóricos

Para se pesquisar alguns processos que auxiliam professores, recém-formados ou não, a entender seu modo de pensar e de entender o contexto de escola pública, faz-se necessário definir primeiramente o termo ‘crenças’, uma vez que ao tentar identificar o modo de pensar e de entender, compreende-se verificar as crenças que se tem a respeito de um determinado assunto.

Segundo Barcelos (2000, 2001), ao se tratar do termo crenças, deve-se levar em conta o contexto em que esta crença está inserida. Como as pessoas fazem parte do contexto, o contexto também faz parte das crenças desses indivíduos. Então, cada um tem sua opinião formada pelas experiências vividas, e essas opiniões podem ser influenciadas pelo meio em que esses indivíduos vivem. De acordo com Barcelos (2001), as crenças fazem parte da história de cada indivíduo, elas podem se formar pelas relações sociais e culturais da qual cada um participa:

(...) [crenças] podem ser definidas como opiniões e idéias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas (...) as crenças são pessoais, contextuais, episódicas e tem origem nas nossas experiências, na cultura e no folclore. As crenças também podem ser internamente inconscientes e contraditórias. (BARCELOS, 2001, p. 72-73).

Como já citado na definição das crenças, os fatores contextuais são parte integrante da formação dos indivíduos. A instituição pública recebe alunos de diversos contextos, então há nesse contexto escolar uma grande variedade de opiniões já formadas, e que muitas vezes se divergem quando são confrontadas. Segundo Borg (2003) esse fator, contexto escolar, que não apenas inclui alunos, mas também equipe pedagógica, família, direção da escola e outros, pode “inibir a habilidade do professor de adotar práticas que refletem suas crenças” (p. 94, tradução nossa).

Metodologia: Participantes e coleta de dados

Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos mediante autorização por escrito junto à duas APs, de um curso de licenciatura em Letras-Inglês em uma universidade do estado do Paraná.

As participantes desta pesquisa estão identificadas neste artigo pelas siglas AP1 e AP2, para preservar suas identidades. Essas duas APs atuaram como professoras do Processo Seleção Simplificado (PSS) do governo do Estado Paraná. A AP2 iniciou sua prática em sala de aula em 2006, quando cursava o 3º ano da graduação, e a AP1 iniciou sua prática em 2007, ano em que as duas APs graduaram-se.

Durante os dois últimos anos da graduação em Letras-Inglês, na disciplina de Estágio Supervisionado, as APs produziram alguns materiais. Dentre esses, foram selecionados para o presente estudo um texto resultante de discussão inicial em sala de aula e o relatório final de estágio, ambos de 2006. Além desses materiais foi aplicado um questionário aberto nos meses de maio e junho de 2007, e foi realizada uma entrevista gravada com as APs nos meses de junho e julho de 2007.

A análise dos dados coletados do ano de 2006 teve por objetivo identificar as possíveis crenças iniciais das APs com relação ao ensino e aprendizagem da língua Inglesa em escola pública. Após a conclusão dessa primeira análise, conduziu-se a análise das respostas dadas ao questionário aberto em 2007. O objetivo da análise dessas respostas foi constatar se houve alguma mudança de crenças a respeito do ensino de inglês-LE na escola pública. A partir da análise das respostas do questionário, foi feita uma entrevista para identificar os procedimentos de ensino que as APs acreditavam ser mais eficientes e adequados ao contexto da escola em que elas estavam atuando, e se houve alguma adaptação a esse contexto. Salienta-se que a análise dos dados coletados foi de cunho interpretativista.

Análise dos dados

A partir da interpretação dos dados coletados foi possível constatar algumas mudanças ocorridas nas crenças das APs com relação ao ensino de inglês-LE na escola pública após o início da prática de sala de aula. Tais mudanças estão delineadas nesta seção.

A partir da análise dos dados, pôde-se perceber que para a AP1 alguns dos fatores que influenciam o trabalho do professor na escola pública são: baixos salários, salas muito cheias, contexto escolar, familiar, e a formação não adequada ao professor, isso se confirma nos trechos que seguem:

Os baixos salários e a discriminação causam desmotivação e conseqüentemente isto influencia na prática. (...) o professor somente depois de muitos anos de estudo se tornará apto a enfrentar uma sala de aula com quarenta (40) alunos (...) deve-se levar em conta as dificuldades e facilidades que o contexto escolar, familiar e comunitário traz para estes alunos. (AP1, texto, 2006).

Sim, em todos os sentidos, mas o que influencia mais ainda é o corpo docente da escola. A mesma, pode até não ter condições mínimas p/ propiciar os alunos a aprender, mas o prof. deve [grifo do original] se esforçar p/ melhorar esta condição. (AP1, turno 9, questionário, 2007).

influencia porque muitas vezes a gente faz uma aula linda maravilhosa e dá um trabalhão pra fazer + uma ATIVIDADE né e: você leva mais TEMPO dispensado em SALA mais tempo pra CORRIGIR (...) enfim você pega 40 aula ou 20 aula você tem que tentá fazer o MELHOR + se você acha que você não vai conseguir fazer melhor então faz o MÍNIMO POSSÍVEL porque acho que é imprescindível deles saberem. (AP1, turno 10, entrevista, 2007).

Quando redigiu o texto, a AP1 não estava atuando em sala de aula e não tinha nenhuma experiência de docência. Destaca-se também que nesse período, a AP1 parecia não ver a língua inglesa como uma matéria importante no Brasil, na opinião dela o inglês-LE é esquecido e cabe ao professor a valorização da língua inglesa em sala de aula. Ela também acrescenta que o ensino deve ser divertido. Após o início da prática em sala de aula, ela mantém a opinião sobre o ensino ser divertido, mas parece ver o inglês-LE como uma língua fundamental na formação do cidadão, como mostram os seguintes excertos:

No Brasil a língua inglesa é esquecida então é indispensável que o professor mostre para os alunos a importância da LE na vida profissional e cultural do cidadão e na sociedade (...) um bom professor de inglês leva assuntos divertidos e diversos que causem efeito crítico nos alunos (AP1, texto, 2006).

Mais do que uma “simples” LE, a língua inglesa é uma língua, digamos, a grosso modo, mundial: em qualquer lugar do mundo ela é falada, ela abre portas para o futuro. Mais que nunca, nossos alunos estão tendo cada vez mais contato com ela: músicas, internet, etc. (...) principalmente, de maneira divertida. É claro que nunca vai ser sempre divertido, mas devemos fazer o máximo possível p/ atender as necessidades de nossos alunos, fazê-los sempre querer saber mais. (AP1, questionário, turno 2 e 4, 2007).

eu acho que CRÍTICA ++ né porque eles têm que aprender a ser mais CRÍTICOS a língua ++ é: com a linguagem crítica eles saberiam ANALISAR + a língua né que diz + a maneira como você fala (...) ensino com BRINCADEIRA ou as vezes quando você pega as vezes uma palavra que eles acabam tendo dificuldade ou até mesmo VERGONHA deixa uma sala mais divertida com uma MÚSICA (...) então

aos poucos você vai conhecendo a turma e vai pegando o jeito dela mais: acredito que sim + qualquer brincadeira desde HOT POTATOES, MÚSICA, (xxxxx) depende da criatividade. (AP1, entrevista, turno 1, 2007).

Outro item observado foi o tabu que a AP1 tinha com relação à escola pública. No próximo excerto pode-se perceber a observação que ela faz com relação a crenças que se instalam nessas instituições. Essas crenças muitas vezes são geradas por uma série de repetidos comentários, que se fixam na mente dos participantes da escola pública:

(...) para ser um bom professor de inglês é necessário ter garra, força de vontade para vencer os tabus como: se um aluno não consegue aprender o português como vai aprender o inglês, ou na escola pública não se aprende inglês. Estas crenças confundem as mentes de professores e alunos (AP1, texto, 2006).

Para a AP1, a formação que ela teve na universidade está de acordo com a profissão de docente, porém segundo ela poderia haver mais ênfase em alguns aspectos, “talvez, se houvesse uma maior ênfase à pesquisa em sala de aula pelos estagiários, os acadêmicos sairiam mais bem preparados p/ [para] executar a profissão” (AP1, questão 14, questionário, 2007). Após o início da prática em sala de aula, segundo ela, houve mudanças no modo de pensar, pois o que era teoria se tornou responsabilidade e isso não é valorizado pela sociedade, “a valorização que a sociedade dá ao prof. [professor] de escola pública, é mínima. Só entende quem é prof [professor]” (AP1, questão 12, questionário, 2007). Isso vai de encontro com um estudo realizado por Gimenez (2004, p.172) que traça o perfil do professor de língua inglesa, que diz que “a formação que o profissional de línguas tem, dá a ele um perfil de falante/usuário da língua que ensina (...) em muitas instâncias este é visto como ocupação, isto é, não tem o reconhecimento devido”. Na opinião da AP1, o ensino da língua inglesa na instituição pública é um desafio, porque os alunos vêem o inglês apenas como uma disciplina a mais no currículo escolar. Para melhor desenvolver seu trabalho, a AP1 tenta variar entre diferentes métodos, mas acredita que o Método Direto é o melhor para realidade em que ela trabalha:

“nos métodos eu procuro variar né + dependendo da sala + (...) cada qual vai se adapta a um método diferente (...) acredito que o método DIRETO ele É + eu acho que pra MIM la na minha + REALIDADE ele se adapto MELHOR” (AP1, turno 6, entrevista 2, 2007)

Com relação ao contexto da escola pública, a AP1 afirma que as adaptações não prejudicam o trabalho do professor, pois é necessário que o professor esteja preparado para enfrentar as várias situações de uma sala de aula, como se adaptar ao currículo da escola, conforme mostra excerto que segue:

eu acredito que não porque você tem que ta preparado pra uma + sala de aula com 45 cabecinhas diferente + 45 que não são todas adultas e dependendo da escola você tem que ta APTA a MUDA este currículo OU não (...) mais a gente tem que ta: aberto a mudanças né (...) quando a gente não conhece + já que é mais fácil faz assim então eu vo faz assim + mais: o professor tem sempre que ta mudando + revendo + fazendo cursos + PROCURANDO ta se reciclando porque: (...) É a PRÁTICA né + porque na sala é muito difícil passa isso pra gente mais a gente vai se adaptando. (AP1, entrevista, turno16, 2007).

Na análise do relatório final de estágio da AP2 produzido no ano de 2006, foi possível constatar que, ao contrário da AP1, a AP2 não faz nenhum comentário sobre fatores contextuais, familiares, escolares ou comunitários. Durante o período de estágio, AP2 se reservou a falar da importância que esse primeiro contato com sala de aula teve no início de sua profissão. E foi nesse período que a AP2 adquiriu conhecimento para avaliar as suas aulas e sua postura como professora de língua inglesa. Assim como a AP1, a AP2 também não tinha nenhuma experiência em sala de aula e ressaltou a importância da formação antes de assumir a profissão, como pode ser visto no próximo excerto:

(...) após vivenciar tantas experiências neste curto período de tempo em que decorreu o estágio pude elaborar os meus novos parâmetros de avaliação de uma aula. (...) faltava contato, estímulo e um bom relacionamento professor/aluno. (...) entretanto, após ter estabelecido uma nova postura para as minhas aulas, que exigiu mudanças no comportamento da turma e no meu, as aulas passaram a ser melhor aproveitadas e mais dinâmicas. (...) pouco tempo depois do término do estágio eu assumi aulas em uma escola pública. (...) posso afirmar com certeza que minhas aulas de estágio foram essenciais para que eu pudesse entrar na sala com mais segurança, confiança e ciência de que eu teria que explorar e desenvolver cada vez mais o meu conhecimento sobre a língua inglesa (...) eu poderia ainda discorrer sobre a precariedade do ambiente de ensino naquela escola. Mas reservo-me a ressaltar novamente a importância que esta experiência teve para mim. (AP2, relatório final de estágio, 2006).

Em cursos de graduação de língua estrangeira, geralmente é colocado em questão a importância da formação e a evolução constante do conhecimento, pois, a língua e o ensino estão em

constantemente em transformação, surge assim a necessidade de o professor de língua inglesa estar sempre se renovando. Pode-se perceber que a AP2 teve consciência disso antes de começar sua prática em sala de aula. Ela também ressalta a importância de conhecer algumas técnicas que cada método traz para o ensino e aprendizagem da língua inglesa. A possibilidade de mesclar métodos, com a qual teve contato durante nas aulas de Estágio Supervisionado, contribuiu com seu conhecimento e com a escolha de como desenvolver seu trabalho, como mostra o próximo excerto:

(...) outro ponto a destacar é o uso de diversos métodos misturados, ao invés da escolha de um único método para ser seguido especificamente. (...) a justificativa para este fato é que eu não havia estado em contato com nenhum destes métodos antes, conheci as características de cada um após ter terminado das regências. (AP2, relatório final de estágio, 2006).

Como mostra o trecho acima citado, a AP2 parece ter grande interesse pelo conhecimento de novos métodos. Em sua regência nas aulas de estágio, ela diz ter utilizado um pouco de cada método, e quando questionada se essas teorias influenciaram ou confirmaram sua opinião ou seu modo de trabalhar, ela respondeu que “acredito que sim, a influência ocorre a partir do momento que temos condição de identificar as teorias sobre métodos e técnicas de ensino e relacioná-las aos métodos que usamos em sala de aula” (AP2, questionário, questão 7, 2007). Essa resposta da AP2 vai de encontro com Almeida Filho (1993), que afirma ser importante que o professor tenha ciência de sua abordagem a fim de poder deixar clara a razão pela qual ensina, o modo que ensina e por que alcança determinados resultados. Entretanto, após ter iniciado sua prática em sala de aula, em 2007, AP2 parece modificar sua crença e dizer que havia se definido por um único método, como segue:

eu acho que: eu so sempre influenciada pelo método em que eu aprendi né + o método + grammar translation method + que era o método usado no curso que eu FIZ de inglês + então acho que isso influencia um pouquinho no modo deu TRABALHA + acho que é isso. (AP2, entrevista, turno 6, 2007).

Na análise do questionário aplicado à AP2 no ano de 2007, ela reforça sua crença com relação à postura do professor em sala de aula, e fala que esse foi um dos fatores difíceis do início de sua profissão:

antes do estágio eu conhecia teoricamente os desafios de sala de aula. Agora não só conheço como vivencio estes desafios. Penso (atualmente) que a postura do

professor define o andamento de sua aula, sendo talvez mais importante que o método por ele utilizado (AP2, questionário, questão 3, 2007).

No próximo excerto retirado da entrevista realizada com a AP2, podemos perceber que ela reafirma sua opinião com relação à postura profissional de um professor e que este fator muitas vezes decide os rumos de sua aula:

eu acredito que SIM apesar de todas as + as IMPOSIÇÕES né + e: de ser obrigada a seguir o CURRÍCULO proposto pela a escola + se você QUISE você pode SIM trabalha do seu modo + porque: a partir do momento que você entra na SALA de aula quem manda no que você vai fazer ali VOCÊ + você é o senhor da sua aula e você ESCOLHE o MODO como você vai TRABALHA.

Pesquisadora: então você tem conseguido trabalha assim?

TENHO + TENHO a ÚNICA coisa que a escola EXIGE é que o conteúdo seja CUMPRIDO + e que: o planejamento seja cumprido + mas: a MANEIRA com que eu realizo esse trabalho + fica a meu critério. (AP2, entrevista turno 2-3-4, 2007).

Com relação à formação acadêmica, a opinião da AP2 é que está de acordo com a escola que ela trabalha no momento. Porém, nem para essa escola, nem para outras escolas a formação do professor deve ser considerada completa. Cada escola tem seu contexto e este influencia a sala de aula, pois, assim como o contexto tem seus momentos transformados por acontecimentos do cotidiano, as mentes dos alunos também passam por transformações e esses sujeitos têm suas opiniões formadas ou reafirmadas pelo convívio social. Então, de acordo com AP2, o professor deve estar preparado para essas transformações, porque as teorias e métodos serão influenciados por esse contexto, “métodos, teorias e formas de ensino terão sua eficácia influenciada pela turma e pela filosofia da escola. - Cabe ao professor dar o melhor de si, atentando sempre aos resultados apresentados pelos alunos”. (AP2, questão 4 questionário, 2007).

Considerações finais

Este artigo procurou identificar possíveis as possíveis mudanças nas crenças de duas APs de um curso de Letras-Inglês sobre o ensino de inglês-LE em escola pública.

Após os dados serem analisados, foi possível perceber que esta pesquisa corrobora os estudos já desenvolvidos por Barcelos (2000, 2001) e Borg (2003) na área de crenças. Essas pesquisas

tratam as crenças dos indivíduos como sendo fruto das experiências vividas por eles, ou seja, podem ou não se transformar ao longo tempo. Partindo desse pressuposto, o artigo procurou apontar as mudanças ocorridas nas crenças das duas APs participantes desta pesquisa.

Os resultados apontaram mudanças ocorridas após o início da prática em sala de aula das APs em escola pública. Para a AP1, o que havia antes do início de sua prática era a crença de que o ensino de inglês-LE deveria ser divertido, e que o inglês-LE não era uma matéria tão importante no currículo escolar. Após o início da docência, a AP1 mantém a crença de que o ensino deva ser divertido. Porém, agora, na opinião dela, o ensino do inglês-LE deve conter aspectos críticos para a formação do cidadão. Segundo a AP1, o contexto da escola pública, que conta com a discriminação do profissional de línguas, baixos salários, salas superlotadas e outros fatores, pode influenciar a prática do professor. Contudo, adaptações a esse contexto não prejudicam o trabalho do profissional desde que este esteja preparado para a realidade da escola pública.

Já AP2 parece acreditar, antes e depois do início da prática em sala de aula de escola pública, na postura do professor. Ela afirmou por diversas vezes que a postura do professor em sala de aula define os rumos que a aula pode tomar. Ainda segundo ela, partindo desse ponto de vista, as influências do contexto da escola pública não prejudicam o trabalho do professor, desde que este esteja preparado e decidido pelo método que adotou para desenvolver seu trabalho.

Para finalizar, ressalta-se que é necessário que haja mais pesquisas sobre crenças de professores em escola pública, pela abrangência que o tema oferece no ensino de línguas. Ademais, buscar nesse contexto um olhar significativo para as dificuldades que professores têm em entender suas crenças e interpretações quando do início da profissão, podendo assim proporcionar possíveis mudanças e melhorias para os alunos, docentes e instituição pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, L. C. P. de. **O professor de língua estrangeira em formação**. Pontes: Campinas, 1999.

BARCELOS, A. M. F. **Understanding teachers' and students' language learning beliefs in experience: A Deweyan Approach**. 2000. 357f. Tese (Doutorado em Ensino de Inglês como Segunda Língua) – College of Education, The University of Alabama, Tuscaloosa, 2000.

_____. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira Aplica**. v. 1. n. 1, p. 71-92, 2001.

_____. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontos, 2006, p. 15-41.

BASSO, E. Quando a crença faz a diferença. In BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontos, 2006, p. 65-85.

BORG, S. Teacher cognition in language teaching: A review of research on what language teachers think, know, believe, and do. **Language Teaching**, 36, p. 81-109, 2003.

GIMENEZ, T. Tornando-se professor de inglês: experiências de formação inicial em um curso de Letras. In VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (Org.) **Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões**. Pontes: Campinas, 2004, p. 171-189.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação: **Diretrizes Curriculares de Língua Estrangeira Moderna para a Educação Básica**. Curitiba, 2006.

PERIN, J. O. R. Ensino /aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas: o real e o ideal. In Gimenez, T. et al (Org.) **Perspectivas Educacionais e o Ensino de Inglês na Escola Pública**. Pelotas: EDUCAT, 2005.